O Cristão Espírita

Instrumento Divulgador dos Conceitos Espíritas da Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes
Ano XLII - Rio de Janeiro, Julho, Agosto e Setembro de 2007- Nº 159
"Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade" -KARDEC

A ORIGEM DA CASA DOS BENEFÍCIOS

Há sonhos que consomem anos de trabalho, dedicação, esforço. Outros, vidas inteiras. Esses casos são sempre impressionantes e despertam a atenção de todos pelos exemplos de superação e paixão por um ideal.

Mas, recentemente, com a melhor compreensão da reencarnação, proporcionada pela Doutrina Espírita, descobriu-se um tipo diferente e ainda mais especial, dentre as histórias de amor pelo bem. São os sonhos que atravessam o tempo. Os séculos. As encarnações representam então simples degraus, para o Espírito, na subida da "sua" montanha. Entre todas as suas "vidas" constrói-se como que um fio condutor, capaz de faze-lo superar todas as provações e adversidades na busca por sua aspiração maior.

Durante muito tempo aprendemos a admirar e amar as figuras de nosso Patrono, Bezerra de Menezes, e de nosso Orientador Geral, Azamor Serrão, pelos exemplos de vida e dedicação que deixaram em suas últimas encarnações. A revelação mediúnica, porém, de seu histórico espiritual, trouxe à tona aspectos ainda mais supreendentes - e admiráveis - desta longa história espiritual. Vejamos primeiro o caso de nosso Patrono.

O 13o. APÓSTOLO

Primeiro, soubemos pela mediunidade abençoada da admirável Yvone do Amaral Pereira que o Médico dos Pobres do Rio de Janeiro, no século XIX, foi também o pequeno Zaqueu, o publicano de Jericó, nos tempos apostólicos. Mais recentemente, através de minuciosa pesquisa feita pelo confrade Jorge Damas Martins(1), verificou-se que Zaqueu, depois de seu encontro com o Cristo, abandonara seus afazeres mundanos para segui-Lo, tornando-se finalmente o 13o. apóstolo, em substituição a Judas, conforme descrito nos "Atos dos Apóstolos" (Atos, 1:26).

Como Apóstolo,Matias/Zaqueu prestara seus primeiros serviços na CASA DO CAMINHO,a primeira comunidade apostólica, liderada por Pedro. Foi exatamente aí, na primeira comunidade cristã, na vivência plena e diária do Evangelho, ao lado dos demais apóstolos e daquela gente humilde que os buscava a todo intante, pedindo apoio às mais variadas necessidades, que o ex-publicano percebeu, com toda a intensidade de sua alma, a importância da ação conjunta, fraterna, para que todos os filhos de Deus encontrem a sua recuperação e o caminho da verdadeira felicidade. O bem que lhe pediam era o bem que aprendia a fazer. O remédio de suas dores era servir aos outros. Não sabia ao certo, ao final de cada dia, quem exatamente tinha de agradecer: se os necessitados, que receberam ajuda, ou se ele mesmo, pelas lições de amor que acabara de apreender...

Aqueles momentos caíram fundo em seu coração. Lembrava a todo instante do encontro com o Cristo, em sua casa, na pequena Jericó, e procurava lhe dedicar cada minuto de seu dia. Sentia tanta saudade... Cada pobre ou doente que se aproximava como que trazia um pouco mais o Cristo para perto de si.

Seguindo, mais tarde, em missão para a Etiópia, construiu célere naquele país distante a sua primeira comunidade cristã, nos moldes da CASA do Caminho, que lhe serviria, desde então, como eterna inspiração. Foi lá, na Etiópia também que, por amor à Causa do Bem, desencarnou pela primeira vez como mártir cristão, vítima de um incêndio criminoso.

A etapa seguinte desta história é uma das páginas mais comoventes da literatura espírita, de todos os tempos. Foi registrada pela pena abençoada de Francisco Cândido Xavier, e teve como autor Emmanuel, na obra "Ave Cristo".

QUINTO VARRO / QUINTO CELSO

Impossível resumir aqui, no espaço de que dispomos, a bela história de Quinto Varro e Quinto Celso - diferentes encarnações de nosso Patrono,segundo revelação feita por Chico Xavier ao Niwton boechart. Mais importante é salientar, neste episódio, como o amor verdadeiramente Cristão, com "c" maiúsculo, pode atender a muitos, quando quer, mas sabe também olhar por poucos, ou mesmo por um só, com igual devoção, quando se faz necessário.

Bezerra-Matias encarnou então, primeiro como Quinto Varro, para tentar recuperar alguém que tinha como filho espiritual - Taciano. Como cristão, dedicou-se igualmente a uma CASA de amparo a jovens, enquanto Taciano, ainda endurecido espiritualmente, perseguia os seguidores de Jesus. Sem saber que seu pai usava um pseudônimo, na instituição a que servia, e decidido a destruí-la, Taciano terminou por levar o Pai à condenação e à morte. Encarnando novamente, como Quinto Celso, Bezerra-Matias acaba voltando para a casa de Taciano, adotado por este como filho. Dispensável dizer que o "menino" é, desde cedo, "apaixonado" por Jesus e, de tanto falar e falar no Crucificado, termina por converter Taciano à cristandade... Vão agora os dois para o suplício, nas arenas de Roma. Já em meio às chamas, Taciano grita ao filho; ""Meu filho! Meu filho... eu senti o poder de Cristo em mim!...agora eu também sou cristão..." Quinto Celso, então, erguido num poste em chamas, onde o fogo ganhava o "corpo do rapaz, a contorcer-se", pronuncia a frase conclusiva da missão cumprida: "Louvores sejam entoados a Deus, meu Pai! Viva Jesus"." Pelo filho espiritual, Bezerra-Matias não deu apenas uma, mas duas vidas... Bem disse o Cristo: "Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. (João 15:13)

(CONTINUA NA PÁG. 04)

DO INIMIGO APERTE A MÃO
COM DOÇURA, SEM RANCOR;
AO CONTATO DO PERDÃO,
TODA PEDRA VIRA FLOR.
SYMACO DA COSTA

NESSAS HORAS DE DOR, DE SOFRIMENTO,
DE CORREÇÃO DOS ERROS DO PASSADO,
SUFOQUEMOS EM NÓS TODO LAMENTO
PARA QUE TUDO SEJA SUBLIMADO.
OSÓRIO LIMA

EVANGELHO MEDITADO
FALA SEMPRE AO CORAÇÃO,
EVANGELHO PRATICADO
É PERMANENTE ORAÇÃO.
AZAMOR SERRÃO

SAL DA TERRA ESPECIAL

GUILLON RIBEIRO - PREDICADOR DO EVANGELHO DO CRISTO (1a. Parte)

por Indalício Mendes

É COM PROFUNDA E DESMEDIDA emoção sempre nos dispomos a dizer algo a respeito de alguma personalidade ilustre, cuja passagem por este planeta haja deixado um rastro luminoso, proveniente do trabalho edificante realizado, visando ao bem do próximo, a disseminação das verdades divinas e, sobretudo, o esclarecimento honesto e devotado daqueles que, ignorantes dessas verdades ou mal orientados, se perdem nas trevas da confusão e do desespero.

Escreveu o admirável Vinicius (Pedro de Camargo), em artigo intitulado "O Distintivo do Cristão": Vós sois o sal da terra e a luz do mundo", disse Jesus a seus discípulos, e acrescentou: "De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus." Ser, portanto, o sal da terra e a luz do mundo - eis o distintivo do cristão". (...)

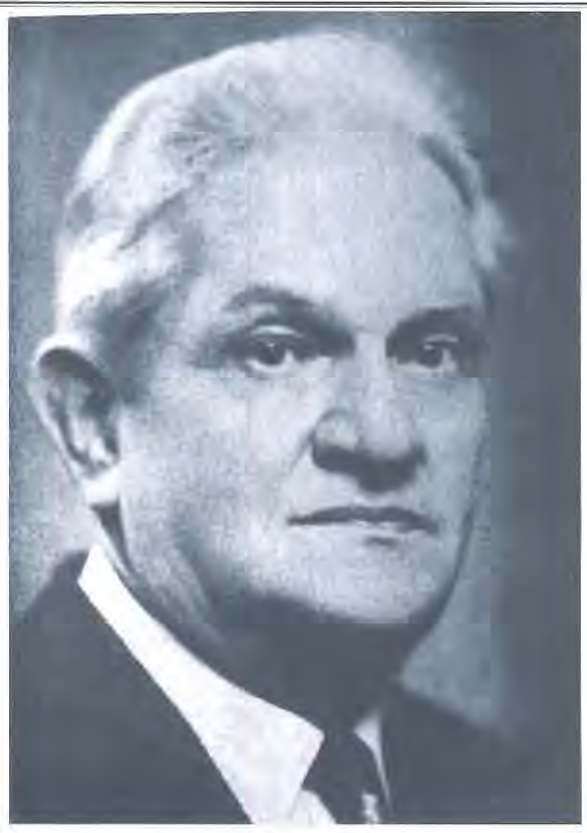
Luiz Olímpio Guillon Ribeiro, legitimo espírita cristão, foi "o sal da terra", conforme procuraremos demonstrar, embora palidamente, neste modesto artigo de reverência ao centenário da sua encarnação, em janeiro de 1875 e terminada em outubro de 1943.

A 17 de janeiro de 1875, em São Luís do Maranhão, ingressara no mundo físico esse Espírito de escol, para, sob as bênçãos de Jesus, realizar, nas fileiras de Ismael, longo e proficiente trabalho em prol da difusão da Doutrina Espírita, que, como todos sabemos, é essencialmente fundada nos princípios do Evangelho. Filho de Luiz Antônio Gonçalves Ribeiro e de Olímpia Guillon Gonçalves Ribeiro, pobres de pecúnia, mas ricos de virtudes, pois traziam em suas almas aqueles valiosos tesouros que não perecem, o nosso amado Guillon Ribeiro começou, desde pequenino, a defrontar os obstáculos que lhe robusteceriam mais o caráter adamantino e o tornariam um homem de grande integridade moral e muita bondade.

A luta pela sobrevivência da família exigia de seus dedicados pais o máximo de atenção e esforço, de decisão e trabalho, para que a austera família continuasse a cercar os filhos dos cuidados indispensáveis para continuarem, pelo menos, no nível existencial que até então vinha sendo mantido, sem enfraquecimento da justa dignidade que faz da pobreza limpa um escudo de defesa contra as tentações do mundo. O centenário do nascimento de Guillon Ribeiro, da sua encarnação proveitosa e abençoada, cheia de episódios edificantes e até comoventes, antes e depois da sua conversão ao Espiritismo, deve induzir-nos à meditação, ao reexame do nosso comportamento como Espíritos encarnados, tomando-o como modelo.

Vencendo as barreiras que a vida engendrava, seus pais puderam interná-lo, gratuitamente, no Seminário de São Luís, onde aprendeu as primeiras letras e deu grandes passos iniciais na senda do progresso intelectual. Sua inteligência e aplicação aos estudos granjearam-lhe a simpatia dos mestres e condiscípulos, pormenor que viria a repetir-se posteriormente. Vivendo num lar de pureza e compreensão, isso influiu poderosamente na formação da sua personalidade. Mas logo ficara órfão do pai. Dona Olímpia resolveu, em face de tal conjuntura, transferir-se com os filhos para o Rio de Janeiro, disposta a todos os sacrifícios na cidade grande e desconhecida, que, entretanto, poderia oferecer-lhes maiores oportunidades. De fato, foi o que aconteceu. Nada pareceu fácil. Ela, no entanto, possuía aquela fé que remove montanhas. Dentro em pouco, Guilhon Ribeiro foi admitido, como aluno gratuito, na tradicional e sempre louvada antiga Escola Militar, na Praia Vermelha. É desnecessário enfatizar a soma de vicissitudes dos primeiros meses, as crescentes preocupações da mãe maravilhosa, que não media dificuldades para preparar o futuro dos filhos entregues ao seu amparo.

Esclarecida e sensata, dotada de extraordinária força de vontade, Dona Olímpia Guillon Ribeiro desenvolvia cansativa atividade para alcançar esse objetivo, escorada na energia, no otimismo, na coragem e na confiança em Deus. Guillon Ribeiro percebeu quanto sua mãe fazia para manter e educar os filhos e estudava com afinco, impondo-se ao respeito e admiração dos companheiros e professores, que nele viam um exemplo que correspondia às altas e nobres tradições daquele famoso educandário militar. Ótimo estudante, de temperamento afável e predisposto sempre a ajudar a quantos demonstrassem precisar de auxílio, conquistou definitivamente, ali, a estima geral.



Mas as lutas não haviam arrefecido. Os problemas continuavam a desafiar Dona Olímpia. Ele permaneceu apenas três meses na carreira das armas, matriculando-se, em seguida, diretamente, no segundo ano da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em vista da segura base de conhecimentos adquiridos na Escola Militar. Seu roteiro de estudante continuou no mesmo acelerado ritmo e com os mesmos resultados fecundos que realçavam cada ciclo do áspero caminho discente.

Muito cedo, pusera-se a trabalhar, empenhado em aliviar as aflições domésticas, a manutenção própria, a da família e o custeio dos estudos. Denotava forte noção de responsabilidade e sofria ao ver a desvelada genitora ainda subordinada a serviços fatigantes. Sua maneira de pensar e de proceder denotavam já o homem que se estava formando sob a pressão da adversidade e no clima severo de crescentes compromissos que a vida dia a dia suscitava. Amava extremosamente a mãe dedicada e inexcedível. Admirando-a, mais esforços despendia para libertá-la dos sacrifícios a que estava submetida há tantos anos. Dos numerosos trabalhos que desempenhou, destacamos o de redator do "Jornal do Comércio", importante órgão, àquele tempo, da cidade do Rio de Janeiro, exercendo sua função à noite, depois dos serviços e dos estudos do dia. Sua operosidade se desenvolveu a inteiro contento dos chefes ocasionais, que lhe louvavam a correção da linguagem escrita e a boa vontade que sempre demonstrava quando surgiam tarefas extras. Confiavam na sua probidade de jornalista, certos de que ele jamais se afastaria, como jamais se afastou, das normas éticas seguidas por aquele matutino altamente conservador. A madrugada ele a reservava para estudar, e as parcas horas de sono freqüentemente diminuíam quando as lucubrações o empolgavam.

Finalmente, concluiu com merecido brilhantismo o curso de Engenharia Civil. Valera a pena tudo quanto fizera, porque o seu cabedal de conhecimentos estava muito enriquecido e poderia exercer a sua profissão com absoluta segurança. Mas os empregos já não eram fáceis. De tentativa em tentativa, acabou por aceitar o cargo de 2º oficial da Secretaria do Senado Federal, porém com o propósito de, quando possível, passar a exercer função compatível com a sua qualidade de engenheiro civil. Ali se verificou o mesmo que anotamos em linhas precedentes: a sua competência e a bondade do seu caráter fizeram-no muito depressa querido e requestado pelas pessoas que com ele conviviam, do mais humilde serventuário ao mais graduado dos membros da Câmara Alta.

Sua passagem pelo Senado deixou indeléveis marcas. Teve rápida ascensão, por seu apego aos deveres e pela cultura e inteligência que se expandiam em todos os seus atos; pela retidão de proceder, a capacidade funcional, a paciência, a tolerância e a inalterável boa vontade. Desincumbia-se bem de todas as tarefas, por mais difíceis que fossem. Dessa forma, passou a diretor geral da Secretaria, na qual se aposentou em 1921, deixando sentimentos de saudade e gratidão, pelos relevantes serviços prestados e pela nobreza natural de que era dotado. Prova disso, uma entre tantas, está nas seguintes palavras, que transcrevemos, pronunciadas pelo senador Ruy Barbosa, em sessão de 14 de outubro de 1903, no Senado Federal, publicadas a folhas 717, coluna esquerda, do volume "Anais do Senado Federal", vol. II (Sessões de 1º de agosto a 31 de outubro de 1903, e transcritas nesta revista, em novembro de 1943, página 266:

"(...) Devo, entretanto, Sr. Presidente, desempenhar-me de um dever de consciência - registrar, e agradecer da tribuna do Senado a colaboração preciosa de um dos auxiliares desta Casa, o Sr. Dr. Guillon Ribeiro, que me acompanhou nesse trabalho com a maior inteligência, não limitando os seus serviços à parte material do comum dos revisores, mas, muitas vezes, suprindo até a desatenções e negligências minhas."

Nada mais seria preciso dizer-se, depois do espontâneo e eloqüente testemunho do eminente Dr. Ruy Barbosa, destacando o valor desse insigne vulto, que tanto dignificou as fileiras do Espiritismo cristão. A família Guillon Ribeiro deve possuir ainda valiosas cartas de grandes estadistas da época, ressaltando as qualidades invulgares de seu ilustre patriarca.

(SEGUE NA PÁGINA 03) ->

Você Sabia?

Parentesco, Filiação

"O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito (Jo,3:6) ", ensina-nos Jesus. Corporalmente, servimos dos recursos genéticos oferecidos por nossos pais para a constituição de nossa organização física, mas espiritualmente somos sempre filhos de nós mesmos, traçando a cada dia, com nossos atos, as linhas de nosso próprio destino... Abaixo, alguns trechos de Kardec, Roustaing e Ubaldi sobre o interessante tema da HEREDITARIEDADE.

LEIA MAIS KARDEC

"203. Transmitem os pais aos filhos uma parcela de suas almas, ou se limitam a lhes dar a vida animal a que, mais tarde, outra alma vem adicionar a vida moral?

"Dão-lhes apenas a vida animal, pois que a alma é indivisível. Um pai obtuso pode ter filhos inteligentes e vice-versa."

204. Uma vez que temos tido muitas existências, a nossa parentela vai além da que a existência atual nos criou?

"Não pode ser de outra maneira. A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos ligações que remontam às vossas existências anteriores (...).

205. A algumas pessoas a doutrina da reencarnação se afigura destruidora dos laços de família, com o fazê-los anteriores à existência atual.

"Ela os distende; não os destrói. Fundando-se o parentesco em afeições anteriores, menos precários são os laços existentes entre os membros de uma mesma família. Essa doutrina amplia os deveres da fraternidade, porquanto, no vosso vizinho, ou no vosso servo, pode achar-se um Espírito a quem tenhais estado presos pelos laços da consangüinidade."

a) - *Ela, no entanto, diminui a importância que alguns dão à genealogia, visto que qualquer pode ter tido por pai um Espírito que haja pertencido a outra raça, ou que haja vivido em condição muito diversa.*

"É exato; mas essa importância assenta no orgulho. (...) Digam, porém, o que disserem, ou façam o que fizerem, não obstarão a que as coisas sejam como são, que não foi consultando-lhes a vaidade que Deus formulou as leis da Natureza."

206. *Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de qualquer família, seguir-se-á que o culto dos avoengos seja ridículo?*

"De modo nenhum. Todo homem deve considerar-se ditoso por pertencer a uma família em que encarnaram Espíritos elevados. (...) Mas, ficai certos de que os vossos antepassados não se honram com o culto que lhes tributais por orgulho. Em vós não se refletem os méritos de que eles gozem, senão na medida dos esforços que empregais por seguir os bons exemplos que vos deram (...)."

LEIA MAIS ROUSTAING

"O nascimento do homem não depende senão da carne. A matéria deriva da matéria. O Espírito apenas anima a matéria perecível.

Nascido do Espírito, isto é, emanado da inteligência suprema que rege todas as coisas, nenhuma afinidade tendo com a matéria, o Espírito independe dela, preexiste ao corpo e lhe sobrevive, pois que é imortal, como o Espírito genérico do qual emana.

Fazendo aquela distinção entre o corpo e o Espírito, quis Jesus pôr em evidência, sobrelevar o pensamento que acabara de exprimir quanto ao renascimento pela água e pelo Espírito, isto é: pela matéria unida ao Espírito, por um corpo e um Espírito que o venha animar, habitar. De maneira que, assim como, para nascer um homem, um Espírito toma um corpo e o anima, habitando nele, também para renascer, nascer de novo, o mesmo Espírito toma um novo corpo e o anima e habita, consistindo nisso o renascimento, a reencarnação." (Tomo IV, item9)

"Compreenda o homem e não esqueça nunca que o mais próximo e mais querido parente de ontem, que o mais caro amigo da véspera podem vir a ser e são muitas vezes o estranho, o desconhecido do dia seguinte, que ele a todo instante poderá encontrar, acolher ou repelir.

Que, pois, os homens, cientes e compenetrados de que a vida humana e as condições sociais são provações e ao mesmo tempo meio e modo de amparo e de concurso recíproco nas vias da reparação e do progresso, pratiquem a lei de amor, partilhando mutuamente o que possuam de natureza material ou intelectual, dando aquele que tem ao que não tem, dando de coração o auxílio do coração, dos braços, da bolsa, da inteligência, da palavra e sobretudo do exemplo. Então, quando tal se verificar, estarão cumpridas em toda verdade, sob os auspícios e a prática da fraternidade recíproca e solidária, estas palavras de Jesus: -Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o senhor".

(Tomo II, item 140)

LEIA MAIS UBALDI

"Estudamos o problema da hereditariedade no fim do volume "A Nova Civilização do Terceiro Milênio". Vimos (cap. XXVII e XXVIII sobre a "Personalidade humana") que há dois tipos de registro, o recente e o atávico, o novo e o velho, isto é, o que nos fazemos e o que fizeram nossos ancestrais. Vimos que tudo se transmite, sem que a evolução não poderia dar-se. Vimos que duas são as forças de hereditariedade que funcionam como canais de transmissão, ou seja, que ao lado da hereditariedade fisiológica (pais-filhos) há uma hereditariedade espiritual própria, individual. Dois são, portanto, os caminhos aptos a transmissão dos resultados das anteriores experiências: um caminho para as do corpo, transmitidas através da carne, e outro para as do espírito, transmitidas através da alma. "O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do espírito é espírito" (João, 3:6). Assim, o nosso ser que nasce, traz consigo não só uma memória biológica, que guia a reconstrução do organismo, repetindo sus história celular continuada através da hereditariedade fisiológica, mas também um destino, que é conseqüência do passado pessoal de cada um, por ele semeado antes livremente e que agora o acompanha em forma de determinismo fatal, transmitindo tudo isso através de uma paralela hereditariedade espiritual. Este último conceito está desenvolvido no cap. XXIV "Nosso destino livre", do mesmo volume citado: "A Nova Civilização do Terceiro Milênio".

Então, duas formas de continuidade: a biológica e a espiritual. A primeira para continuar a estrutura atávica, o tipo biológico já construído, ainda que a ele acrescentado contínuos aperfeiçoamentos. A segunda para continuar, não no plano biológico, mas no espiritual e moral, o desenvolvimento do próprio tipo de personalidade, de acordo com as premissas já colocadas, a este trazendo novos aperfeiçoamentos. Achamo-nos sempre, nos dois planos, diante do mesmo fenômeno, pelo qual é sempre o passado que preside ao desenvolvimento presente e futuro (Lei de causalidade). Deste modo, cada novo indivíduo nasce com seu destino biológico, conseqüência de seu passado biológico vivido na carne dos pais; e com seu destino espiritual, conseqüência de seu passado espiritual, pessoalmente vivido por sua alma".

("Problemas Atuais", Cap."A Teoria da Reencarnação - 1a. parte")

SAL DA TERRA ESPECIAL

GUILLON RIBEIRO - PREDICADOR DO EVANGELHO DO CRISTO (cont.)

CONVERSÃO AO ESPIRITISMO

Filho amantíssimo, adorava a mãe terna e zelosa. Quando Olímpia Guillon Gonçalves Ribeiro desencarnou, sua dor foi imensa. Fora tudo para ele. Confortara-o nas mais duras passagens da vida, estimulara-o quando os obstáculos lhe pareciam intransponíveis, era toda carinho, toda amor, toda devotamento, a vida inteira. Inconformado com a perda de ente tão querido, foi tomado de enorme desânimo, raiando o desespero. Visitava o túmulo da morta muito amada todos os dias e parecia haver perdido o gosto de viver. Chegou-lhe às mãos, em momento azado, algo referente ao Espiritismo pelo qual outrora revelara simpatia. Despertada a inclinação adormecida, pôde então ter melhor idéia da Doutrina. Segundo o Eclesiastes, "há tempo de nascer e tempo de morrer". Pôs-se a refletir. Considerou pausadamente os preceitos doutrinários coordenados por Allan Kardec e, com a acuidade de sua mente evoluída, capacitou-se depressa da grandeza dos ensinamentos espíritas.

Daí por diante, o estudo e a análise da Doutrina lhe ocuparam a mente. Compreendeu a razão da vida carnal, a finalidade da existência terrena e o "porquê" do sofrimento, e que a morte física representa a libertação da alma enclausurada para redimir-se de falhas e faltas, através de necessárias e redentoras provações. Alma evangelizada, de imediato se apercebeu de que "O Livro dos Espíritos" está ungido de ensinos evangélicos, pois "a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações".

Era o de que precisava em tão angustiosa conjuntura. Suas idéias se abriram de par em par; o coração, desanuviado, livre de esmagadoras depressões, experimentou, ao influxo do Evangelho, íntima alegria. Confortava-o saber que a mãe querida não morrera, não se extinguira como ser, mas sobrevivera à decadência da roupagem carnal e como que renascera, iluminada de amor e de paz, na Espiritualidade, cooperando talvez com os Espíritos do bem, na obra imensa de assistência, amparo e recuperação das almas atormentadas por encarnações terrenas desviadas da luz do Mestre. E assim se tornou Guillon Ribeiro um dos mais expressivos servidores da Terceira Revelação e do Evangelho segundo o Espiritismo. Lia e meditava, esquadrinhando todos os pontos da Doutrina dos Espíritos, buscando ampliar os conhecimentos indispensáveis à consolidação de suas convicções, até que, em 1911, mais amadurecido, aceitou definitivamente a Doutrina, que já não tinha segredos para ele. Revelou-se devotado e proficiente servo de Jesus, assíduo, infatigável, exemplar, o que não lhe era difícil, pois toda a sua vida fora, até converter-se, a de um espírita em potencial.

Dedicou-se à pregação da Doutrina e do Evangelho. Levava a seus semelhantes a semente maravilhosa que, ao vingar no coração humano, opera salutar mudança da personalidade, valorizando o homem e tornando-o instrumento realmente útil ao engrandecimento da humanidade terrena. Durante largo tempo visitou os internados na Casa de Correção, levando-lhes palavras de esperança e de incentivo, pondo-lhes fé e paz nas almas. E muitos, cumprido o estágio recuperador, fizeram-se seus solícitos amigos.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

A ORIGEM DA CASA DOS BENEFÍCIOS (cont.)

Passa o tempo. Encontramos agora Bezerra-Matias como o irmão Parmênio, líder cristão da chamada CASA DOS BENEFÍCIOS, entre os séculos V e VI d.C, em Roma. Bezerra continuava a perseguir seu ideal - construir na terra um pedacinho que fosse do "Reino de Deus", na forma de uma comunidade verdadeiramente cristã...A esta altura, o prezado leitor já deve imaginar o final desta história... A CASA DOS BENEFÍCIOS foi também incendiada, mais uma vez, pelos adversários da luz. Bezerra junto.

Nosso Orientador Geral, Azamor Serrão, foi um dos personagens deste episódio...

A CASA DOS BENEFÍCIOS NO RIO DE JANEIRO

Século XIX, Rio de Janeiro, Brasil. Encontramos agora o velho Matias encarnado como Bezerra de Menezes, o Médico dos Pobres, criando dia a dia a biografia que depois tanto aprendemos a admirar...

Pois na rua São Francisco Xavier, na Tijuca, Bezerra, ainda encarnado, funda um centro espírita em 1896, o centro REGENERAÇÃO - CASA DOS BENEFÍCIOS.

O amor, quando verdadeiro, não desiste nunca...

Mais tarde, já desencarnado, começa a inspirar a criação de diversas CASAS DE BENEFÍCIOS, entre as quais encontra-se a nossa e outra em Goiânia, orientadas ambas nos mesmos moldes do centro REGENERAÇÃO, no Rio, todas apoiadas no binômio KARDEC - ROUSTAING, por determinação estatutária.

Em todas, um único objetivo: construir na Terra uma verdadeira comunidade cristã, onde os colaboradores recuperem a si mesmos, aprendendo a fazer o bem, aos mesmo tempo em que auxiliem a mitigar um pouco a dor dos deserdados do mundo e das necessidades de todos os matizes.

AZAMOR SERRÃO

O fundador e orientador geral de nossa CASA, Azamor Serrão, é um dos fiéis discipulos de Bezerra de Menezes.

Dirigindo primeiro como encarnado e, depois, já no plano espiritual, uma pequena

comunidade, como a nossa, enfrenta no dia a dia as dificuldades e percalços destinados aos verdadeiros seguidores do Cristo...

Primeiro, o contágio pela visão do seu Mestre querido, vislumbrando também no seu coração a alegria de poder implantar, na Terra, um pedacinho que fosse do Céu...

Depois, a iniciativa do começo, as dificuldades do princípio, a pequinez e a singeleza das primeiras instalações...

Recordamo-nos todos, com carinho, da pequenina sala, no número 19 da rua 19 de fevereiro, aqui em Botafogo, onde cabia apenas um punhado de pessoas...

Apesar das limitações, de ordem física, era grande a distribuição de messes espirituais.

Faltava espaço, mas a alegria ao final de cada noite era imensa. Recebendo diretamente a manifestação espiritual de nosso Patrono, Azamor se alegrava na oferta de cada conselho, de cada receita, sentindo a pouco e pouco a realização daquele sonho tão longamente acalentado por ambos.

No final, a cegueira. Nos últimos anos de sua encarnação, Azamor ficou cego. O momento do testemunho havia chegado para ele, como sempre chega, para todos nós...

Foi em meio à escuridão, no entanto, que descobriu, no fundo de seu coração, uma luz ainda maior... Mais conectado do que nunca, com Bezerra de Menezes, passou a perceber o mundo a partir daí de uma maneira diferente... por dentro, por detrás das máscaras e aparências humanas, passando a sentir o que de fato encontrava-se na essência, no coração dos que tinha ao seu redor...

Mal sabia que seria este o treino para, depois de desencarnado, dar prosseguimento à sua atividade, na condição de Orientador Espiritual da comunidade que fundara.

Já no plano espiritual, liberto das restrições físicas, pôde então rever os companheiros da primeira hora em toda a sua transparência. As fraquezas e defeitos dos irmãos da jornada não lhe eram mais segredo...

Olhando também para si percebeu, com nitidez nunca antes conhecida, também as suas próprias imperfeições.

Foi nesse momento, enfim, que compreendeu, definitivamente, a lição de nosso Patrono: só fazendo o bem aprendemos a fazer o bem, e nos tornamos verdadeiramente melhores. Os coxos e estropiados do Evangelho somos todos nós, independente da religião que professemos. A montanha da evolução é íngrime, o caminho é difícil, e só dando as mãos uns aos outros chegaremos no topo... O reino de Deus, na Terra, não será construído por santos, mas pelos humildes, com e apesar das próprias imperfeições, que todos temos.O melhor bem é o bem que fazemos juntos!

Poucos tempo depois, em agosto de 1970, inaugurava-se a nossa sede própria, na Rua Bambina, 128, em Botafogo.

Desde então, Azamor e equipe trabalham todos os dias, todos os minutos, pela realização do sonho de nosso Patrono, que agora também é seu...

Sua alegria é trazer cada novo colaborador ou freqüentador, na expectativa de poder compartilhar com todos, um dia, o sonho tão longamente acalentado.

Suas lágrimas vêm quase sempre com as nossas quedas, dos colaboradores encarnados, quando na ilusão da carne perdemos a noção de valor da oportunidade recebida e insistimos nos erros do passado.

***

É a primeira vez, prezado leitor, que contamos esta história assim, públicamente. Mas julgamos que seria bom fazê-lo, para que também vocês, que nos visitam diariamente, soubessem que também fazer parte deste sonho, tão querido - reviver em pleno século XXI a simplicidade e a amorosidade do Cristianismo do Cristo, onde tudo se realiza amando a Deus e ao próximo como a nós mesmos.

A Bezerra, e a Azamor, o nosso obrigado por poder fazer parte desta história tão bonita.Paz.

Indalicio Mendes

O CRISTÃO ESPÍRITA

Fundadores: Azamor Serrão e Indalício Mendes

Redator-Chefe (in memoriam): Indalício Mendes

Editores: Almir G.de Souza, Azamor Filho, Diógenes Machado, José Roberto Assad e Julio Damasceno

Endereço: Rua Bambina, 128 - Botafogo - Rio de Janeiro RJ - CEP 22510-000. Tel: 2266-2901 e 2266-6567

Projeto Gráfico: Aza3 Comunicação & Design Ltda.Tel: 494-4213.

Matrícula: 2720/LB-03 Vara Reg. Público. Rio de Janeiro-RJ Prot.113964/-A de 30/05/74

Impressão: Gráfica Stamppa. R. João Santana, 44-Ramos.Tel: 3867-2555

CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS "BEZERRA DE MENEZES

Presidência: Azamor Serrão Filho

Orientação: Paulo Roberto Serrão

Domingos (portão aberto às 8,00 e fechado às 8,30hs) Estudo dos livros da Doutrina (para maiores de 18 anos) e Curso de Esperanto para iniciantes (de 10,30 às 12,00hs)

Sábados - Manhã (portão aberto às 8,00 e fechado às 8,30hs) Escola de Evangelho para crianças de 04 a 11 anos e Reunião com os pais - Núcleo de Apoio a Família.

Sábados - Tarde (portão aberto às 13 e fechado às 13,25hs). - Escola de Evangelho para jovens de 12 a 18 anos e Reunião com os pais - Núcleo de Apoio a Família.

2ºs Sábados - Noite (portão aberto às 18,00 e fechado às 18,30hs) Noite da Saudade (homenagem aos irmãos que já estão no além).

4ºs Sábados - Manhã (portão aberto às 10,00 e fechado às 10,30hs) Estudo comparado das obras de Pietro Ubaldi e Allan Kardec.

2ªs feiras (portão aberto às 19,00 e fechado às 20,20hs) Reunião doutrinária pública, com passes e i rradiações. Estudo metódico da obra "Os Quatro Evangelhos", de J.B.Roustaing.

3ªs e 5ªs feiras (portão aberto às 14,00 e fechado às 14,50hs) Reunião doutrinária pública, com passes e irradiações. Estudo metódico da obra "O Evangelho Segundo o Espiritismo"de Allan Kardec.

4ªs feiras (portão aberto às 19,00 e fechado às 20,20 hs) Desenvolvimento Mediúnico.

6ªs feiras-Tarde (portão aberto às 14,00 e fechado às 14,50hs). Desenvolvimento Mediúnico.

6ªs feiras - Noite (portão aberto às 19,00 e fechado às 20,20hs) Reunião doutrinária pública, com passes e irradiações. Estudo metódico da obra "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.

CURSOS - de Intodução à Doutrina e de Esperanto. Inscrições e maiores informações em nossa secretaria.

Solicitamos às pessoas do sexo feminino evitarem trajes ousados, tais como: shorts, frente única, calças colantes e saias muito curtas. Aos do sexo masculino que evitem bermudas ou shorts.

***

É rigorosamente proibido fumar. Na sala de reuniões pede-se silêncio.

Silêncio também é prece.